

LATINO AMÉRICA:

VIAJES POR LA TIERRA Y
POR LA IMAGINACIÓN



BOLETIM **KULTRUN**

ISSN 2763-5066 || VOL. 5, N° 2 || DEZEMBRO, 2023 || FOZ, BRASIL

UNILA | PROEX

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

@BOLETIMKULTRUN

www.BOLETIMKULTRUN.com

// EDITORIAL //

Hay al menos dos formas de viajar y de leer: la del que busca la confirmación de lo que ya sabe, y la del que busca la sorpresa y lo inesperado. Solo la segunda forma de viajar y de leer resulta transformadora.

Al leer esta entrega del boletín Kultrun encontraremos varios viajes sorprendentes e inesperados, que saem dos trilhos.

Durante un viaje en tren por Italia, Clarice Lispector, inesperadamente, descubrió la Tierra.

Saiu dos trilhos.

La Triple Frontera es lugar de tránsito y confluencia, de gente que va y que viene. Horacio Quiroga escribió en Los desterrados: **"Misiones, como toda región de frontera, es rica en tipos pintorescos. Suelen serlo extraordinariamente aquellos que, a semejanza de las bolas de billar, han nacido con efecto. Tocan normalmente banda, y emprenden los rumbos más inesperados"**.

La Triple Frontera es un puzle de un millón de piezas. Y cada habitante de la Triple Frontera es a su vez un puzle en sí mismo. La experiencia del viaje es una pieza en el puzle de la identidad.

En los escritos de este boletín se reflexiona bastante sobre la identidad. Identidad en tránsito. Del yo (elyo) al ello. Algunos viajeros, en principio, guardan las distancias. Con la distancia del tiempo, en el recuerdo, en la escritura, llega la proximidad.

Al viajar sentimos la necesidad de incorporar a nuestro discurso las palabras de otra lengua, aunque nos equivoquemos. **"Error era bonito"**, se dice en uno de los textos de este boletín. En portugués, el errante es el viajero que se equivoca bonito. La identidad y las lenguas se mezclan en felices equivocaciones.

Os habitantes da Triple Fronteira são passageiros em trânsito, pasajeros en conexión. Pero quién no lo es. El tópico literario del homo viator presenta al ser humano como un peregrino. Para algunos de los autores de este boletín, como para Kavafis, o Kerouac, lo importante no es el destino, sino el trayecto, el movimiento, el viaje en sí. El interior de un automóvil o de un avión es un espacio lleno de vida, donde los pasajeros entran en conexión. El avión puede ser incluso un gran ser viviente, mítico, que extiende las alas sobre el nido para proteger a sus polluelos.

Viajar es una actitud mental que se activa en los viajes, pero no solo. El viajero presta atención a lo irrepitable, con lo que puede llegar a aprender que todo momento es irrepitable. Entonces, acertar con el destino final pierde casi toda su importancia. Lo importante es error bonito. **Al fin y al cabo, como se dice en algún lugar de este boletín, inevitablemente vamos chegar no lugar certo.**

Equipo Kultrun

% SUMÁRIO %

**EN ESTA FRONTERA
NO CABE NINGÚN MAR**
Marcos Castellano

04



08

SOBRE VIAJAR NA INFÂNCIA
Giovanna Pietra

SEM TÍTULO
Pamela Pecegueiro

12



17

**CONVERSACIONES CON
CONDUCTORES PARAGUAYOS**
Mireliz Corillocla

SARAU DO BINHO
Eliseo Jacob

25



29

VIAJES EN EL TIEMPO
Ivano Rodríguez Cotrina

**SUENA LEJANÍA DE
LISANDRO MEZA EN OFF**
Lyda Medina Capera

32



35

**UM PASSO DE 343 QUILÔME-
TROS E QUASE 7 HORAS**
Ivo Espínola Estigarribia

::: EQUIPE EDITORIAL :::

Iván Ulloa Bustinza // Miguel Ahumada Cristi // Raffaella Fernandez
Fabio Salvatti // Eduardo Fava Rubio // Angelene Lazzareti
Diego Chozas Ruiz-Belloso // Lyda M. Capera // José Ignacio Monteagudo Robledo

::: PROJETO GRÁFICO :::

Rodrio Sosa

EN ESTA FRONTERA NO CABE NINGÚN MAR

Marcos Castellano

Pero caben las voces de todos los continentes.
Vengo del país de los fonemas rotos, donde el
pueblo canta cuando llora, abrazando la tierra
roja, al arcoiris y al Paraná.

4 VIAJES POR LA TIERRA Y POR LA IMAGINACIÓN


"En esta frontera no cabe ningún mar", Marcos Castellano

Vol. 5, N° 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Viajar es como escribir.

Escribimos por si de casualidad, al bajar la mano sobre un renglón en blanco, encontramos la palabra que sirva para escribir el párrafo de nuestra alegría. Viajamos porque ya no sabemos dónde buscar, para poder encontrarnos en cada esquina.





En esta **tierra** hablamos traduciendo sin entendernos muy bien, porque sólo en la ausencia de la palabra podemos decir lo que queremos. Por eso nos abrazamos, besamos, tocamos, y nos agarramos tanto.

Viajar es un libro de caligrafía.
Damos vueltas, nos manchamos
de tinta, nos duele la muñeca.
Hacemos punto aparte y volve-
mos a empezar.



Marcos Castellano

24 años. Hijo de la frontera nacido en Ciudad del Este.
Estudiante de Letras - Español y Portugués como
Lenguas Extranjeras. Férreo Latinoamericanista.
Escribo porque me da alegría.



"En esta frontera no cabe ningún mar", Marcos Castellano

SOBRE VIAJAR NA INFÂNCIA

Giovanna Pietra



80 VIAGES POR LA TIERRA Y POR LA IMAGINACIÓN

"Sobre viajar na infância", Giovanna Pietra

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Simplem eram os dias em que, despreocupadamente, eu pegava um avião, não me importando com aonde eu iria e com o que estava a ser deixado para trás, precisamente, quem eu estava deixando para trás. Eu tinha 6 ou 7 anos quando primeiro entrei em um avião, usava um vestido azul rodado com bordados de flores em seu busto, a mala era rosa e da Barbie, em minhas costas, uma mochila rosinha em formato de cachorrinho. Eu viajaria sozinha, toda minha família veio só para me assistir ir.

Minha mãe me esperava em outro estado, Mato Grosso. Eu viveria com ela pela primeira vez, como fazem as filhas e as mães normais. É claro que eu estava feliz. É claro que não senti medo em viajar sozinha. Era o melhor da minha vida, o melhor que alguém de seis anos poderia ver do mundo.

Crianças, pequenas como são, carregam naturalmente em si uma visão antropocêntrica do mundo. Mesmo pequenas e mesmo que o céu seja interminável, acreditam fielmente, contrariando qualquer afirmação discordante, que aquela não era verdade. Me lembro com uma apuração assustadora, de pensar que o planeta Terra era o Brasil, simples e pequeno assim. Que o Japão ficava em Júpiter e os Estados Unidos em Marte, e todos esses planetas e seus habitantes giravam em torno de mim como no mobile de berço, eu poderia segurá-los com um esticar da minha pequena mão.

Não foi minha única viagem, muito menos seria a última. Por muito e muito tempo mesmo, vivi um troca-troca de estados, casas e cidades, e mães. Incessantemente e num ritmo frenético assim. Eu não me importava com 6, não me importava com 8, nem com 12. Eu estava feliz e a visão do lado da janela sempre era bonita. Eu sempre exigia mais das formações de nuvens - sejam maiores, tenham mais textura, formem coelhinhos e sorrisos. Todos esses microecossistemas debaixo de mim, como cidadezinhas de minha mente, girando, ainda presos no mobile sob meu berço. Tamanha despreocupação é uma qualidade reservada somente à infância e não pode nunca mais ser reproduzida, nem fingida, e recuperá-la então está fora de questão.

Se você é uma criança viajando sozinha, você recebe um crachá vestido ao seu pescocinho, ou colado em seu busto. É para mostrar que você é especial. Você aguarda do lado de fora da sala de embarque junto com a equipe de bordo e assiste todos os adultos caminharem em fila, mas você não, você é escoltado até o avião por aeromoças ou terceirizados da companhia aérea. Você é o último a embarcar. Seu assento é exclusivamente o primeiro, rente à bancada das aeromoças. Elas fecham o teu cinto de segurança e dão duas puxadinhas para certificar de que você está seguro ali. Procedimentos de rotina. Elas lhe dariam dois copos e te pediriam para segurá-los contra teus ouvidinhos - é para evitar o entupimento dos ouvidos com a alteração na pressão do ar durante a decolagem. Elas anunciariam o preparo da decolagem no microfone rente ao estande enquanto te olhavam. Você espremeria os olhos com força, levantaria os pés como elas te ensinaram, e o avião logo já estava no ar.

Se você é uma criança chorona, elas irão secar suas lágrimas e falar manso, se você se mostrar corajoso, elas lhe darão um sorriso fino e olhos tenros, mas elas sempre, sempre estarão sorrindo. "Você é a garota mais corajosa que eu já vi", uma aeromoça me disse uma vez, e eu fielmente acreditei, ninguém sabia aguentar uma decolagem como eu. Ela sorria, tenra, enquanto me dizia isto.

Eu estava feliz sendo especial, sendo importante. Por minha curta infância e mais curta ainda préadolescência, realmente acreditava ter algo genuinamente raro em mim, o motivo pelo qual sempre sorriam para mim, como sorrisos de aeromoças, todos estavam prontos a me servir, prontos a me ver fazer algo genial com minha vida. Mentir a crianças clamando que há algo de gênio ou predisposição ao excepcional nelas é de um decoro maligno. Não mentir no ato de inventar que tenha algo lá, mas mentir em plantar a inclinação a acreditar na própria sobrehumanidade que elas não possam vir a ter, ou ter, mas não performar, isto é maligno. É condená-las à decepção. Mas, adultos, eles estão sempre tão orgulhosos e prontos para distribuir estes sorrisos para quem ainda tem uma vida a se fazer. "Você é a garota mais corajosa que já vi".

Talvez tenha parcela de culpa, sempre me enfatuei com elogio de professoras de português, aeromoças, fotógrafos. Eu queria ser especial e projetava minhas ambições na realização de seus elogios. Acreditava que se os elogios continuassem vindo, o especial ainda se mantinha vivo. Obviamente os elogios cessaram, e sonhar alto também.

Me acostumei com os sorrisos. Decorei cores de uniformes e nomes de companhias. Modelos de aviões. Se era um Boeing 737 ou um Fokker 100. Sempre preferi Fokker. Em toda viagem pedia para levar um copo do estande de bordo. Colecionava copinhos de companhias de bordo. Já sabia quais eram os aeroportos que gostava, e quais desprezava. Sabia que o de Brasília era o mais bonito, que o de Porto Velho era meio sujo e um pouco feio, que o de Cuiabá era uma bagunça quente, que o de Rio Branco tinha um teto telado azul cafona, que Congonhas era tenebroso, mas amplo. Aos poucos, aeroportos atingiam, no meu inconsciente, a mesma familiaridade da escola que frequentava, ou do parquinho em que brincava.

Por bastante tempo considerei ser aeromoça, considerei trabalhar em linhas aéreas. Eu gostava da bondade, da sutileza com que elas carregavam seus corpos. O corte limpo de seus ternos e saias. Seus rostos sempre batidos de pó de arroz. O tom de voz. As unhas curtas e limpas. O cabelo arranjado em gel, com cada fiozinho em seu lugar. Eu ainda aperto o botão de chamada só para que uma venha sorrindo em minha direção.

Havia algo como de casa num ambiente de aeroporto, há algo remotamente familiar dentro destes aviões, como se eles fossem uma extensão da minha casa, como se fossem a ponte que me liga a um ente querido, mas o avião, ele mesmo na sua complexão maquinaria, metafisicamente foi se tornando o meu ente querido em si.

"Sobre viajar na infância", Giovanna Pietra

Minha infância foi em aviões. Dentro de aviões. Minha infância foi a agonia de "quando será que eu vou pegar um avião e ver fulano, ciclano, minha vovó", quando eu vou ver o avião, senti-lo, levantar meus pés na guinada súbita da decolagem como faço até hoje, quando sentiria o nervoso de uma arremetida, onde meu coração iria aos meus pés e então, num gorfo, voltaria ao meu pescoço, e desceria gradualmente ao meu peito de novo. Se tornou um relacionamento inexorável, corpo e máquina embalsamados em líquido de memória, unidos por nostalgia, associação, comunhão. Eu estou aqui e depois estarei lá, mas antes estarei no avião. Máquina graciosa.



Giovanna Pietra

Giovanna Pietra, de 20 anos, nasceu em Cruzeiro do Sul, Acre. Atualmente cursando *Mediação Cultural - Artes e Letras* na UNILA.

"Sobre viajar na infância", Giovanna Pietra

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

SEM TÍTULO

Pamela Pecegueiro

12

VIAJES POR LA TIERRA Y POR LA IMAGINACIÓN

"Sem título", Pamela Pecegueiro

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Era 11 de março de 2015. Caminhava por Buenos Aires a procura de um vendedor de livros que mais parecia um traficante de drogas. Talvez um traficante de livros. Toquei o interfone, e a primeira pergunta que escuto: quién te pasó mi ubicación?



13

BOLETIM KULTRUN

Pelo menos havia chegado no lugar certo. Aliás essa era a sensação que me acompanhava em cada lugar novo que eu encontrava desde que pisei pela primeira vez na província de Buenos Aires. Estava morando em La Plata havia cerca de um mês, tentando encontrar minha própria ubicación naquele país. Diga-se de passagem, me encheu de emoção ter como meu primeiro endereço um apartamento compartilhado com outros estrangeiros em plena Calle 13.

As ruas da cidade de La Plata são todas numeradas em um quadrilátero perfeito: o melhor sonho de qualquer recém-chegada na cidade e, ao mesmo tempo, o pior pesadelo quando se cai em uma das ruas diagonais. Pegar uma das ruas diagonais que cortam a cidade fazem seu GPS interno recalcular rota e você ter vontade de chorar em posição fetal porque já não sabe mais onde está.

Se perder é uma rotina. Pedir ajuda jamais, vão saber que você é estrangeiro, haja naturalmente, aprecie a paisagem, dê uma espiadinha no mapa e siga. É tudo uma questão de familiaridade, no final você acaba amando as diagonais. Elas sempre vão encurtar seu caminho e te levar por inúmeras praças, com pessoas atiradas na grama tomando mate.

"Sem título", Pamela Pecegueiro

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066



Estar em uma terra que não é a sua te empurra a "mirar pa' dentro desde afuera" para tentar encontrar suas próprias ruas, becos e vielas. Um estrangeiro de si mesmo. Como escreveu Elvira Vigna, "imigrantes a tentar entrar, todos os dias, em nós mesmos".

O que deixa esse caminho desconhecido mais encantador são as pessoas conhecemos caminhando e, sobretudo, aquelas que caminham codo a codo. É quase unanimidade, brasileiros em países latino-americanos passam por um ritual de passagem interno para descobrir-se latino-americano. Um caminho sem volta.

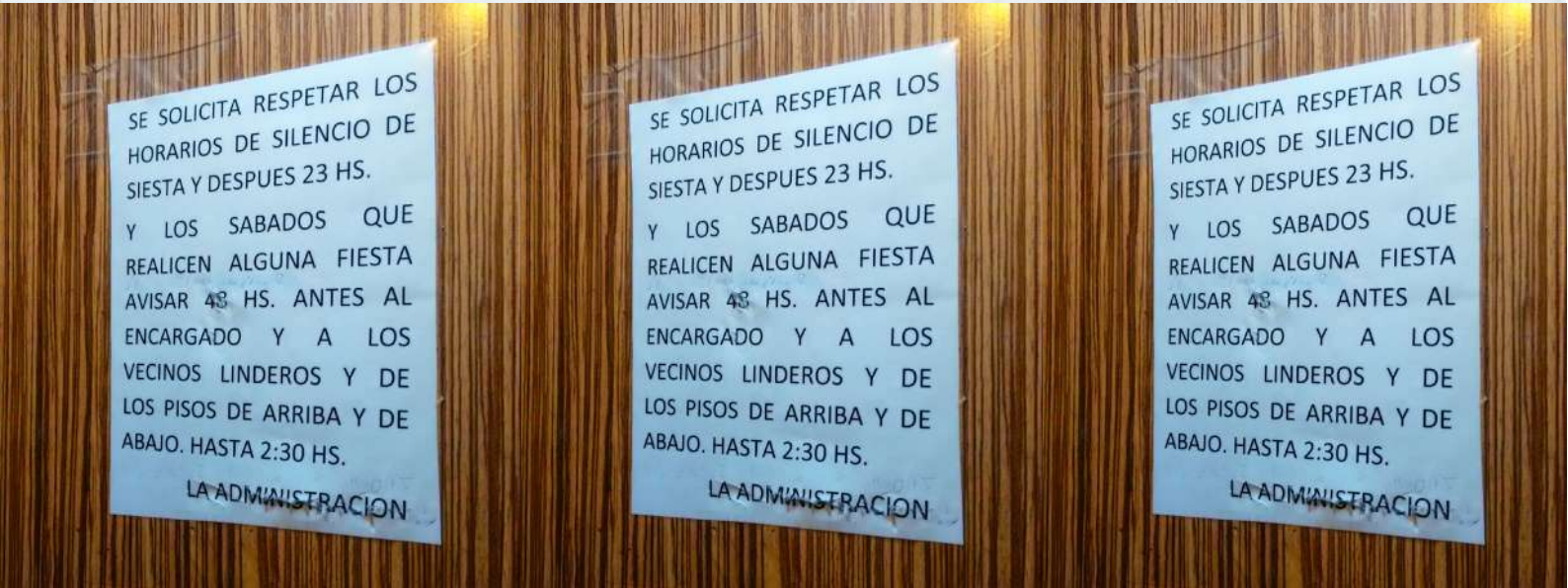
Era 24 de março, peguei o trem de La Plata para Buenos Aires (passando por Quilmes e sim, eu pensava na cerveja todas as vezes) junto com dezenas de estudantes trabalhadores peronistas rumo à grande tomada das ruas da capital do país pela memória dos desaparecidos na ditadura.

(A história de como eu migrei de uma organização peronista para uma guevarista até o final daquele ano, fica pra uma outra oportunidade).



Aquele foi o começo da construção de uma identidade latino-americana que me levaria a trilhar os caminhos das lutas que são próprias de "um pueblo sin piernas pero que camina". Brasil é América Latina, afinal.

Mas sejamos honestos, nem tudo é tão latino-americano assim. A siesta é re-contra argentina. Sim, no nível de ter um cartaz de condomínio solicitando respeitar horários de silêncio de siesta.



15

BOLETIM KULTRUN

Demorei para aprender que quase tudo fecha após o meio-dia e volta a abrir perto das quatro da tarde. Também demorei para aprender que, apesar das facturas serem uma das coisas mais gostosas que comi na vida, as padarias não costumam abrir cedinho pra vender pão pra trabalhador, isso é coisa nossa. Mas qualquer trabalhador tem direito a um bom mate, sempre compartilhado.

E se alguém me pedir um conselho seria esse: compartilhe o mate. Compartilhar o mate é compartir las experiencias más cotidianas y ordinárias, e por isso mesmo, as mais belas. Ver beleza no cotidiano, ver resistência, ver luta. Assim como ao comer facturas e lembrar que algumas foram batizadas por padeiros anarquistas no início do século XX para ridicularizar instituições de repressão, como a polícia, o exército e a igreja, as deliciosas cañoncitos, vigilantes e suspiros de monja.

Estar presente nas lutas é uma das formas mais genuínas de conhecer um território novo. O bairro 3 de mayo era uma ocupação fora do "cuadrado" de La Plata. Moradias precárias, acesso a água e luz irregulares. Com as famílias del barrio 3 de mayo aprendi o que é um piquete. Aprendi que fechar rua colocando fogo em pneu é uma das formas de luta por condições básicas de sobrevivência. Também aprendi que a construção coletiva é feita de indignação, solidariedade e afeto.

"Sem título", Pamela Pecegueiro

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066



Piquetes, marchas, ocupação de universidade exigindo expulsão de professor assediador, mobilização para acompanhar o julgamento por justiça ao feminicídio que interrompeu a trajetória de luta por justiça social da assistente social Laura Iglesias, atos contra o tráfico internacional de mulheres e pela legalização do aborto, abraço nas abuelas de la plaza de mayo, presença em julgamento de ditadores condenados a prisão perpétua por crimes de lesa-humanidade, gritar ¿dónde está Julio López?, reivindicar a memória de Darío y Maxi.

Memória e Justiça: isso é Argentina.

Na construção da minha memória subjetiva, a jovem brasileira de 21 anos fazendo intercâmbio no país vizinho, formou parte da construção de uma memória coletiva que compõe uma identidade, que escancara as veias abertas, que recalcula rota transformando o sul em um norte.

16

VIAJES POR LA TIERRA Y POR LA IMAGINACIÓN

Pamela Pecegueiro

Assistente Social e estudante de Letras/LEPLE



"Sem título", Pamela Pecegueiro

Vol. 5, N° 2 | Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

CONVERSACIONES CON CONDUCTORES PARAGUAYOS

Mireliz Corillocla



17

BOLETIM KULTRUN

"Conversaciones con conductores paraguayos", Mireliz Corillocla

Vol. 5, N° 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Como muchos ya saben viajar es un acto difícil y revolucionario para todos y aún más viajar de carona. Viajar abre mucho tu mente y te conecta con muchas otras personas a tu alrededor, personas tan locas como tú que decidieron aceptar a una persona más en su viaje de buena onda, otras quizá con motivos ocultos para aceptarte y otras que simplemente quieren expresarse ya que nadie los escucha.

En todos los viajes que he hecho quizá Paraguay ha sido el único país en el que nunca he pagado un solo guaraní por un tramo largo o interprovincial como le decimos en mi país. Eso me ha llevado a pedir carona en lugares tan lejanos como el Chaco paraguayo o tan cercanos como Minga Guazú yendo hacia el norte, el oeste y el sur. Me he encontrado con diversos personajes en estos viajes, conductores de tráileres, camionetas, autos, motos y hasta tractores. Por eso en este relato les contaré tres experiencias con conductores del Paraguay.

A 100 km de la frontera

Amanecía en la patria y yo me despertaba en mi camping. A las 7 de la mañana me levanté y alisté mis cosas para seguir mi ruta hacia la frontera de Bolivia, con el método de siempre, pedir carona. Me habían dicho que por esa carretera no pasaba nadie o mejor dicho muy poca gente además de que era domingo y como la aduana cierra los fines de semana entonces los tráileres no pasaban. Es por eso que me levanté temprano, me lavé la cara en un puesto de combustible a 50 metros de ahí y luego me coloqué al costado de la carretera, me senté sobre mi mochila y esperé. Esperé 1 hora y no había nadie, no había pasado ni un bendito carro. Me desesperé: estaba solo a 100 km de la frontera y no podía creer que nadie me pudiera llevar. Crucé la rotonda y pensé "quizá por allá pasen otros carros", no sé de dónde saqué ese pensamiento la verdad, porque los mismos carros que cruzaban para ese lado de la rotonda tenían que pasar por donde yo estaba sentada antes, pero debe ser algo, quizá el destino, no lo sé, que me llamó a ese lugar. Moví mi mochila, la coloqué más allá y esperé. No pasó ni media hora cuando un auto se estacionó a mi costado y me gritó:

- ¿Adónde va? ¿Va cerca? Yo voy como a 40 km de aquí si quiere la puedo llevar.
- Buenos días, señor, sí por supuesto, yo voy a la frontera de Bolivia, pero 40 km me sirve ya estoy esperando aquí hace bastante tiempo así que hasta donde usted pueda llevarme estaría genial.
- Bueno pues entonces súbase, deje atrás la mochila y súbase adelante.

El carro arrancó, era un auto antiguo y olía muchísimo a tabaco. En el camino se inició la siguiente conversación:

- Muchas gracias señor por llevarme, ¿cuál es su nombre?
- Soy Amancio, ¡ay! Uno ya no puede confiar en los amigos.
- ¿Por qué, señor, qué le ha pasado?

"Conversaciones con conductores paraguayos", Mireliz Corilloclla

Vol. 5, N° 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

- Me han robado ayer, me han robado ayer toda mi plata mis amigos.
- ¡Serio! ¿Y cómo así le han robado? ¿No los debería denunciar?
- Pues no, es que yo no sé cómo me han robado. Supongo que son ellos porque ayer he estado con ellos y son los únicos que había aquí.
- Pero, señor, si son los únicos que ayer han estado con usted, entonces de seguro que han sido ellos. Pero bueno, tranquilo, que lo material se recupera. Ahora ya sabe que no va a volver a confiar en ellos y, además, mírele el lado positivo no le han golpeado para robarle.
- Tienes razón, pero igual ellos me han robado, me han robado, ellos ya no son mis amigos.
- Por supuesto que no señor, ya no lo son.

Me di cuenta que el señor estaba delirando, olía fuertemente a alcohol y se notaba que se había bebido todo ese dinero que decía haber perdido. Más aún porque no se acordaba de nada.

- Bueno señor y usted, ¿de dónde es?
- Yo soy de Asunción.
- ¿Y qué hace tan lejos de Asunción? Estamos casi en la frontera, a 12 horas de camino.
- Es que he venido a trabajar, yo trabajo en las estancias, pero hoy que es cumpleaños de mi hija tengo que volver a Asunción.
- Ah, ya entiendo, va a volver.
- Sí por supuesto que sí.

En ese momento el señor se dio cuenta de que tenía que volver a Asunción ese día y paró el carro, recién íbamos 20 km. Aún faltaban 80 km para que yo llegara.

- Señor, ¿por qué está parando?
- Ahorita vuelvo, voy a orinar.
- Ah, ya, está bien.

Cuando volvió, se sentó y me dijo:

- Hasta aquí nomás te voy a llevar también, porque tengo que volver a Asunción: mi hija me está esperando, en 8 horas hago el recorrido de vuelta. No sé qué hago aquí.
- Pero señor son 8 horas el recorrido y recién son las 8 de la mañana, sobrado va y vuelve y llega a las 6 pm a Asunción De aquí solamente es media hora más, ande,

por favor, lléveme más allá hasta la frontera, solamente son 30 minutos más, por favor, por favor. Además, ni siquiera llegamos al kilómetro 40 pues me dijo que me llevaría hasta allá, señor, por favor. Esta aquí, porque está ayudando a una viajera a llegar a su país. Dios lo va a recompensar.

- Bueno está bien, ¿tiene encendedor?

- Sí tenía uno por aquí.

- Préstemelo.

El señor cogió mi encendedor y se removi6 buscando sus cigarrillos, los encontr6 en el bolsillo trasero del pantal6n, encendi6 uno y empez6 a fumar mientras arrancaba de nuevo el carro.

- Muchas gracias, se6or, por llevarme. Ya estamos muy cerca de la frontera. ¿Usted conoce Bolivia? ¿Conoce la frontera?

- No, no, no conozco.

- Ya ve, usted no conoce y seguro su hija tampoco, entonces. Y qu6 mejor regalo que llevarle monedas de otro pa6s a su hija, en la frontera puede cambiar monedas y le puede llevar para ella, incluso puede comprar dulces para llevarle.

- ¿En serio puedo llevarle monedas y dulces?

- Por supuesto, se6or, c6mo no le va a llevar.

A veces como en esa ocasi6n el se6or me miraba cuando hablaba y fumaba y justo en ese momento el volante se le iba, el carro iba al carril contrario.

- Se6or, cuidado, mire adelante, mire adelante.

Y volteaba la vista, el carro que estaba ya en el carril contrario volvi6 al carril de la derecha, felizmente no pasaba ni un carro en esa carretera de una sola v6a.

- Bueno se6or, pero ahora va a conocer Bolivia es muy bonito la comida es muy rica y va a llegar exactamente para el cumplea6os de su hija.

- Es el cumplea6os de mi hija hoy, no voy a llegar, hasta aqu6 nada m6s, ya estamos cerca al kil6metro 40. ¿Si no, a qu6 hora voy a llegar?

Y se volvi6 a parar. Sali6 de nuevo a orinar y cuando volvi6 encendi6 otro cigarrillo. Volvi6 yo a intentar convencerlo de seguir el camino, ya est6bamos casi a la mitad. No me iba a rendir, adem6s que no hab6a visto ning6n carro en esa carretera. Apel6 a la pena del se6or por una persona extranjera y a que el no conoc6a Bolivia.

- Se6or, pero c6mo me va a dejar aqu6, yo no he visto ning6n carro yendo hacia all6, ¿Y si me quedo aqu6 y no pasa nadie? Se6or, por favor. Ya solo queda media hora, ya condujo media hora, ¿qu6 es media hora m6s? No es nada, es solamente

un poquito más y después vuelve. Además, yo le voy a ayudar a conseguir monedas y le voy a ayudar a comprar unas cosas. Le voy a comprar una comida cuando lleguemos a la frontera, ¿qué dice? Por favor, por favor, lléveme.

- Pero hoy es el cumpleaños de mi hija cómo a qué hora voy a llegar yo a Asunción no voy a llegar.

- Sí va a llegar a tiempo, llega a las 6 a Asunción. Además, señor, está a media hora nada más de Bolivia por qué mejor no le lleva un regalo a su hija. ¡Un regalo internacional! ¿Qué dice? Además, ayude a una pobre viajera señor, sino como voy a llegar a mi país.

- Bueno, bueno, pero préstame tu encendedor.

El carro continuo el recorrido a toda velocidad, a veces íbamos a la derecha del carril y. A veces a la izquierda. Yo seguía repitiendo lo mismo para que me llevara.

El señor no se detuvo más en todo el recorrido, hicimos media hora más en taxi y luego llegamos al puesto de control. Como era súper temprano el puesto de control no tenía a nadie y conseguimos pasar, ya que si hubiera habido alguna persona el señor me hubiera tenido que dejar en ese momento y yo hubiera tenido que caminar 6 km, pero tan buena fue mi suerte que llegamos justo hasta 50 m antes de la frontera. Ese momento el señor vio de lejos a los militares y me dijo que hasta ahí me podía llevar. Me bajé del auto no sin antes agradecerle.

- Muchas gracias, señor, usted ha hecho una buena acción hoy. Dios se lo recompensará.

-Está bien señorita, de nada.

El señor Amancio dio vuelta rapidísimo y se fue a toda velocidad en su carro. Supongo que tenía miedo de que los militares se acercaran al carro y descubrieran que estaba ebrio y además tenía que llegar al cumpleaños de su hija allá en la lejana Asunción.

¿Y ustedes, creen en Dios?

Estaba en la carretera yendo hacia Encarnación sentada sobre mi mochila haciendo carona con una amiga, cuando paró un señor que dijo que iba una hora más allá y que nos podía llevar. Ni bien nos subimos al carro, él pregunto:

- ¿Ustedes son católicas? ¿Creen en Dios?

- Sí, señor, si somos y creemos

- Ah, porque es importante creer en Dios, además que ya está llegando el apocalipsis. ¿Ustedes sabían? Que van a descender los cuatro jinetes del apocalipsis del cielo y todos seremos juzgados.

- Wau, pero, ¿eso es real? ¿Por qué dice eso?

Nos miramos entre las dos, después de responderle. El señor era un fanático, tenía una biblia abierta en la parte delantera del carro y la primera pregunta que nos había hecho era sobre religión. Decidimos seguirle el juego y aceptar todo lo que nos dijera ya que teníamos miedo de que nos pasara algo. Lo escuchamos:

- Porque los cuatro jinetes ya están llegando, solo que vienen uno a uno. No todos juntos. La pandemia fue uno de ellos, llegó para castigarnos y llevarse a los pecadores. Ese fue el primer jinete del apocalipsis que envió Dios. Por eso murió tanta gente.

- ¿En serio señor? ¿No fue un virus el que mató a la gente y se originó en Wuhan?

- Sí, fue un virus, pero ese fue creado por Dios, para castigar a los chinos que son muchos y después por eso se extendió en el mundo. Además, sabían que la reina Isabel llevaba muerta desde hace dos meses solo que recién se ha comentado esa noticia.

- Pero qué extraño señor. ¿Cómo recién van a decir que se murió recién si ya llevaba meses. ¿Cómo pudieron ocultar eso si es verdad?

- Porque la de ahora es un doble que recién falleció, alguien estaba en su cuerpo y la mató hace dos meses. Porque Dios dice que los grandes imperios caerán y la reina Isabel es un monarca que maltrató mucho esclavo. Por eso tenía que morir. Y el papa Francisco también morirá dentro de poco, porque él no es un verdadero papa.

- Wau señor, no sabía eso.

- Sí, sí, ya verán cuando lo vean en las noticias después. Solo faltará un jinete luego.

Era inaudito todo lo que estábamos escuchando del señor, estábamos en shock sobre todo lo que creía y lo decía con una convicción! El creía que el mundo se iba a acabar pronto. Decidimos no hablar más sobre el tema e ir en silencio por el camino. Cuando llegamos a nuestro destino, nos bajamos y le agradecemos al señor por habernos traído. El asintió y luego siguió su camino. Nunca supimos el nombre del señor, ni él, el nuestro. Entre nosotros solo había habido esa extraña conversación.

Un rally en la lluvia

Me encontraba otra vez en la carretera, pero esta vez había un pequeño problema: ya estaba anocheciendo y venía la lluvia. Y todo el mundo sabe que no es bueno hacer carona de noche y menos en lluvia ya que nadie te recoge y no me quería quedar ahí hasta el día siguiente. Felizmente apareció en la carretera una van con dos pasajeros que se paró y me pregunto a dónde iba, le dije que Encarnación y me dijeron que ellos iban para allá solo que en el camino iban a dejar a uno de ellos en Pirapó y que si no me molestaba la demora me podían llevar. Acepté y me subí a la van.

"Conversaciones con conductores paraguayos", Mireliz Corilloclla

Vol. 5, N° 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

- Buenas tardes ¿Ustedes siempre van por este camino?
- Sí, siempre y ¿tú siempre vas para Encarnación?
- No, yo estoy yendo a conocer, vengo de Foz de Iguazú.
- Ah, nosotros trabajamos ahí.
- ¿En serio?
- Sí, trabajamos en una empresa que vende paneles de energía solar y nosotros somos los encargados de la instalación.
- Wao, pero ¿ustedes viven por aquí, cierto? ¿O están viniendo a trabajar?
- Nosotros vivimos en Paraguay, por aquí, cerca de Encarnación. Solo que los días de semana nos quedamos en Foz para trabajar y los fines de semana volvemos a nuestras casas.
- Qué cansado debe ser eso, trabajar muy lejos de casa, porque Foz esta como unas 5 horas de aquí.
- Sí, pero ya nos acostumbramos.

Durante toda esa conversación estuvo lloviendo mientras íbamos a toda velocidad por la carretera, uno de ellos estaba buscando captar la señal de la radio, pero no lo conseguía. En un momento lo consiguió, empezó a sonar cumbia argentina. Y ellos se pusieron a hablar entre ellos en guaraní.

Yo me quede callada y disfruté de la buena música que escuchaban cuando el señor ingresó a un camino a la derecha. La tormenta estaba en toda su potencia, sonaban los rayos y se veían los relámpagos. Me dijo:

- Ahora nos desviaremos un poco para dejarlo a él, refiriéndose a su copiloto.
- Sí, está bien, señor.

Con lo que no contaba yo es que ese lugar estuviera tan metido en el monte, y el camino era trocha. El señor que quería llegar lo más rápido posible a Encarnación, aceleraba en el camino y se saltaba los huecos. Pasaba la carretera tan rápidamente que el agua se levantaba al paso del carro, incluso la carretera tenía tales desniveles que el carro tambaleaba cuando pasaba ya que saltaba demasiado. Yo me agarraba fuerte a mi asiento para evitar el miedo y el señor parecía que no tenía miedo de nada. La lluvia era tan fuerte que el limpiaparabrisas no ayudaba nada, ya que la ventana se tapaba en cuanto pasaba y aun así él seguía conduciendo a toda velocidad. Él decía que ya había recorrido esos lugares muchas veces y conocía el camino.

Me sentí como en un rally de Dakar, en un carro a toda velocidad con cumbia argentina y agarrada al asiento, en ese momento me asusté ya que temí que pudiéramos tener algún accidente, pero cuando llegamos a Encarnación me reí de

lo cómico de la situación, de todo lo que había pasado y di las gracias por haber llegado bien. El señor fue genial, me dejó en la costanera donde había información turística y se fue.

Estas son pocas de las muchas caronas que he realizado, donde he conocido a cada persona peculiar en el camino. Cada persona que llega tiene sus creencias y su forma de ver la vida. Intentemos aceptarlo y no cambiarlo. Veámoslo como una persona nueva en una carona. Porque después de todo siempre llega un nuevo aprendizaje y por último, no dejo de agradecer después de tantos relatos a todas las personas que me ayudan en el viaje. Gracias por todo.



Mireliz Corilloclla

Estudiante del Bacharelado en DRUSA (Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar) en la UNILA.



SARAU DO BINHO:

VIAJANDO PARA CONHECER A POESIA
NA PERIFERIA DE SÃO PAULO

Eliseo Jacob

25

BOLETIM KULTRUN

"Sarau do binho", Eliseo Jacob

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066



Atualmente sou um professor na Howard University, uma universidade historicamente negra em Washington, DC, a capital dos Estados Unidos. Em 2011, fiz uma viagem para São Paulo como parte de minha pesquisa para meu doutorado. Na época eu estava fazendo meu doutorado em letras na Universidade de Texas. Estava fazendo pesquisa sobre a produção literária nas periferias de São Paulo, e queria conhecer pessoalmente as comunidades que estavam produzindo uma literatura tão rica e interessante. Eu já tinha visitado o Brasil antes, mas nunca conheci de uma maneira mais íntima a periferia de São Paulo.

26

VIAJES POR LA TIERRA Y POR LA IMAGINACIÓN



"Sarau do binho", Eliseo Jacob

Vol. 5, N° 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066



Eu consegui uma bolsa pequena da BRASA (Associação de Estudos Brasileiros) para fazer a viagem em Agosto de 2011. Mandei e-mails para vários escritores e organizadores dos saraus, os coletivos literários, que tinham atividades na periferia de São Paulo. Uma das organizadoras, Suzi Soares, me respondeu e fez um convite para eu visitar o Sarau do Binho, o coletivo que ela e seu marido, o poeta Binho, organizam em Campo Limpo na zona sul de São Paulo. Criei o seguinte vídeo sobre o sarau e minha viagem para a periferia de São Paulo em 2011 para conhecer o poder de poesia e literatura:

<https://youtu.be/8JuYEPlusag?si=0MHeCB9axUY49Hct>

// THE SARAU - Eliseo Jacob //

27

BOLETIM KULTRUN



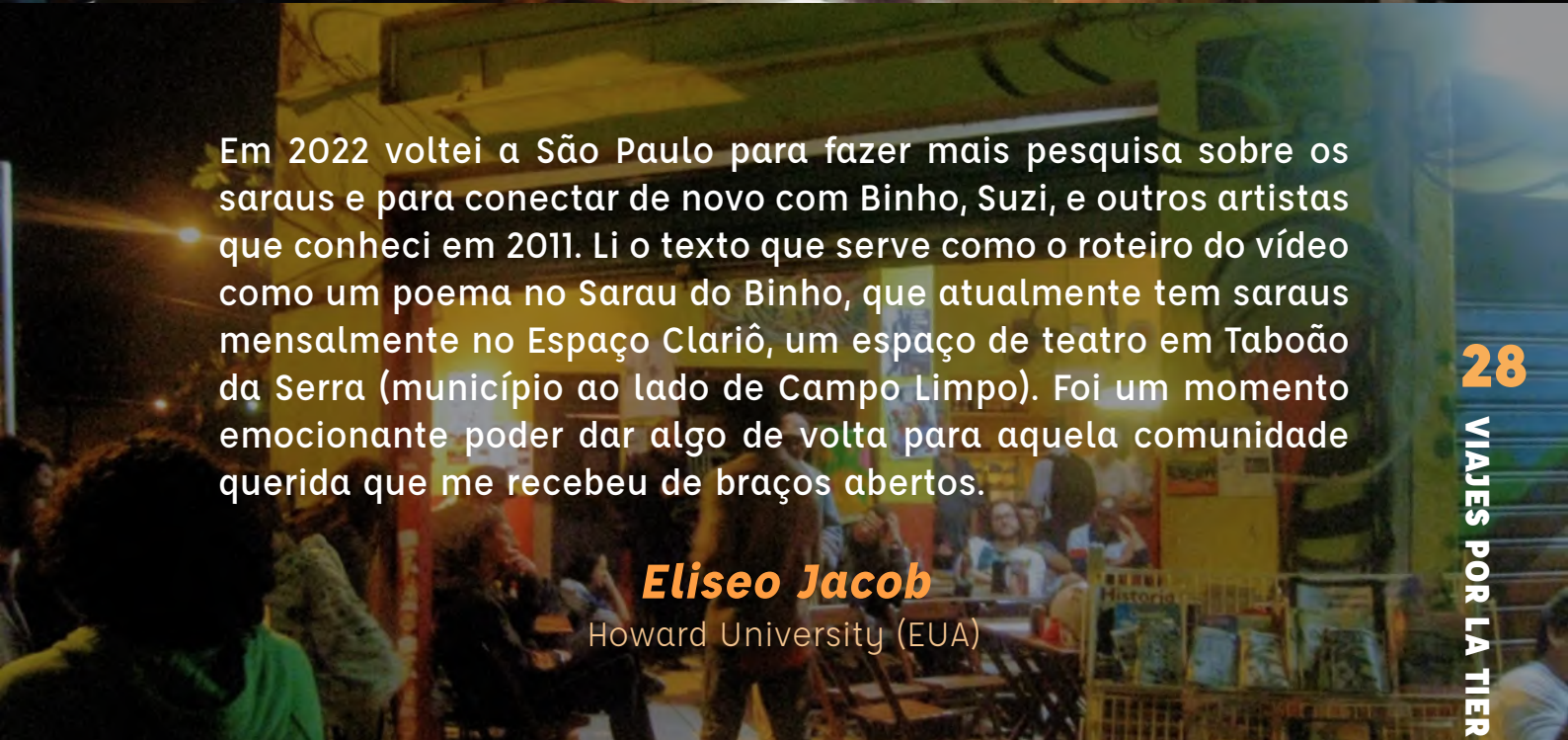
"Sarau do binho", Eliseo Jacob



Em 2022 voltei a São Paulo para fazer mais pesquisa sobre os saraus e para conectar de novo com Binho, Suzi, e outros artistas que conheci em 2011. Li o texto que serve como o roteiro do vídeo como um poema no Sarau do Binho, que atualmente tem saraus mensalmente no Espaço Clariô, um espaço de teatro em Taboão da Serra (município ao lado de Campo Limpo). Foi um momento emocionante poder dar algo de volta para aquela comunidade querida que me recebeu de braços abertos.

Eliseo Jacob

Howard University (EUA)



"Sarau do binho", Eliseo Jacob

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

VIAJES EN EL TIEMPO

Ivano Rodríguez Cotrina



29

BOLETIM KULTRUN

"Viajes en el tiempo", Ivano Rodríguez Cotrina

Vol. 5, N° 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Cuando era niño, en Perú, siempre oía historias sobre los mochileros, viajeros de otros países, que venían a conocer la tierra de mis antepasados. Recuerdo que estábamos en la tierra de mi madre, una provincia lejana en los Andes Centrales peruanos. Mis abuelos maternos, tenían allí unos terrenos para cultivar en la zona rural andina, próximo a los nevados de la cordillera. Por esas carreteras de tierra, no asfaltadas, vi pasar a algunas personas foráneas que muy posiblemente eran extranjeros, que venían a conocer los nevados de la Cordillera Huayhuash, en la Provincia de Lauricocha. Andaban con pantalones tipo bolsillos de militar y mochilas grandes y repletas, de diversos colores. Era muy posible que fueran rumbo al nevado Siluá o al nevado Jirishanca, o quizás rumbo a conocer a alguna mágica laguna de los Andes, a quienes mis abuelos llamaban Mamacocha. Me pareció extraño ver a jóvenes venir de lugares tan lejanos, a tierras que no eran suyas ni de los suyos y querer experimentar, sensaciones lejanas a sus rutinas cotidianas.

Muchos años después, me encontraba viajando por tierra, rumbo al sur de México en un ómnibus, al que en Ciudad de México llamaban El Guajolotero, por ser uno de los buses más baratos para viajar a la frontera. Me moría por conocer la zona maya, la zona olmeca; quería cruzar la frontera sur para atravesar los países de América Central; pero eso será cuento de otro compendio. Aquella vez, era yo el hombre que estaba en tierras extranjeras, lejos de mi casa, lejos de los míos; lejos de la tierra de mis antepasados. Reflexionaba lo que había conversado con un amigo días anteriores en su casa, en la ciudad de Pachuca, en el Estado de Hidalgo. Estábamos sentados en su comedor, mientras Luis cocinaba al lado mío, conversábamos de muchas cosas, entre ellas, sueños de grandes viajes por hacer. Luis era un sociólogo de la UNAM, en ese tiempo que me alojaba en su casa, él trabajaba en la secretaría de cultura de su Estado. La peculiaridad que me llamó la atención de Luis, es que él me había dicho que era un 'ciclo viajero', y que durante sus estudios universitarios, con un amigo suyo, él también se había aventurado a ir por el sur de México a dedo, haciendo "raid", que es el equivalente al "autoestop" del español ibérico, o sea, viajar gratis en un vehículo. Luis también había sido un 'mochilero'. Mientras yo viajaba rumbo sur, me cuestionaba qué significaba ser mochilero. En ese viaje, donde llegué hasta Honduras, de la peculiaridad que me había dado cuenta es que, mientras la gran mayoría viajaba en el sentido de sur a norte, por esas rutas, yo era el único que viajaba en el sentido de norte a sur.

Años después me encontraba en Buenos Aires, recordando todos los tips que Luis me dio para ser un mediano cicloviajero, o un mediano viajero por carretera a raid; en mi país lo llamados 'hacer dedo'; ahora sé que por aquí, en el sur de Brasil lo llaman: "hacer carona". En Buenos Aires iba a cumplir ya casi un año, y por mi cabeza, daban vueltas diversos términos, diversos nombres, que se referían a lugares, a montañas, nombres de islas, de nevados, de culturas, etc.; a mi cabeza venían nombres como: Aconcagua, Chiloé, Valparaíso, Puerto Mont, El Fin del Mundo, la Patagonia, Extremo Sur, Estrecho de Magallanes, Ushuaia, Tierra del Fuego, la Carretera Austral, la Ruta del Fin del Mundo, los tehuelches, los aonikenk, los araucanos, la Araucanía, los mapuches, la Cruz del Sur, los gauchos, los charrúa, la chakana, los guaraní, los selknams, la Ruta 40; etc. Nombres que desde mi infancia, en mi

"Viajes en el tiempo", Ivano Rodríguez Cotrina

mente, creaban gran fantasía, y nunca me pude olvidar de todo ese imaginario.

Desde el Atlántico, en Buenos Aires, salí un 31 de diciembre rumbo al Pacífico. Cuando llegué a Viña del Mar, tiempo después, me dije -por qué no ir más al sur-. Meses después cruzaba el Estrecho de Magallanes como caminante en el ferri Australis rumbo a Tierra del Fuego, con el fin de llegar a Ushuaia, la Ciudad del Fin del Mundo.

Los consejos de Luis, el ciclo viajero, me habían servido de mucho. Había aprendido qué es ser un mochilero, un viajero.

En otra ocasión cuento cuando Luis se vino a Sudamérica en bicicleta, y llegó un día, a la casa de mi hermano, en Lima, Perú, montando su bicicleta, después de haber atravesado Colombia, Ecuador y medio Perú a puro pedaleo...

Foz de Iguazú, 22/08/2023



Ivano Rodríguez Cotrina



¿Y SI UNA VIEJA CANCIÓN SE CONVIRTIERA EN UN NUEVO POEMA?

Lyda Medina Capera

LEJANÍA

32

VIAJES POR LA TIERRA Y POR LA IMAGINACIÓN

"¿Y si una vieja canción se convirtiera en un nuevo poema?", Lyda Medina Capera

Vol. 5, N° 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Suena **Lejanía** de **Lisandro Meza** en off

Cómo extraño mi sabana hermosa

Verde y frondosa como el Amazonas

Metida en la cordillera

Que alberga cafetales, nevados y bellas ciudades

Esperando que llegue la hora

Como emigrante errante

De regresar a mi tierra

En el Valle de Pubenza me he metido

Recordando un genocidio sin sentido cometido

Lejanía que me tiene entristecido

Como un ave que vuela porque han destruido su nido y

En mi pecho floreció

una rabia de gaita, tambora y flauta

Una cumbia de la nostalgia

Que se convierte en danza

Como una lágrima que se escapa

Corrugándote el corazón como un acordeón

Cumbia del alma

De la cual no nos pudieron despojar

Cumbia que madruga sobre Pubenza

Que a paso lento, como si fuese rebajada va

Con insistencia buscando a Cauca

"¿Y si una vieja canción se convirtiera en un nuevo poema?", Lyda Medina Capera

Ay, me da, qué tristeza que me da

En esta soledad

Me da, me da la lejanía

Ay, me da, qué tristeza que me da

Caminar y caminar y aún así

Estar tan lejos de la tierra mía.



Lyda Medina Capera

Estudiante del curso Mediación Cultural, Artes y Letras en la UNILA, voluntaria en el proyecto de extensión "Boletim Kultrun de Artes y Letras" y bolsista en el proyecto de iniciación científica "Representaciones de profesores de idiomas en el cine".

"LEJANÍA"

Lisandro Meza x Lyda Medina Capera

<https://youtu.be/RE6fWKiYeUE>

"¿Y si una vieja canción se convirtiera en un nuevo poema?", Lyda Medina Capera

Vol. 5, N° 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

UM PASSO DE 343 QUILÔ- METROS E QUASE 7 HORAS

Ivo Espínola Estigarribia

35

BOLETIM KULTRUN



343 km

"Um passo de 343 quilômetros e quase 7 horas", Ivo Espínola Estigarribia

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Lembro que tinha sido um processo super longo, de ler editais mesmo sem entender a maioria das palavras e até outras coisas, como decidir se realmente estava preparado para dar esse grande passo. Um passo de 343 quilômetros e quase 7 horas, ou 5, se for de carro. Naquela época eu morava na casa dos meus tios, tinha sido um jovem rebelde insatisfeito e ansioso por conhecer novos lugares, sentir novos ares no meu rosto, escutar outras vozes.

Eu nasci em Asunción, Asu pros amigos. Ela sempre teve essa natureza caótica, desde o clima que, se fosse uma pessoa, acho que seria alguém com um humor muito oscilante. Foz do Iguaçu também tem muito disso e às vezes é bastante irritante, tipo hoje que vim de saia para UNILA porque tava calor, mas logo em seguida o céu ficou cinza do nada, o vento levantou a minha saia que nem Marilyn Monroe o caminho todo. Que ódio, gente.

Eu até era considerado popular na minha cidade, tinha uma carreira artística boa, uns amigos legais, mas ainda estava procurando alguma coisa. Morava no centro, aqui em Foz também estou morando no centro. Suponho que o meu lugar no mundo é no centro de alguma cidade, onde habitam vários estímulos, onde os motores dos carros rugem e se misturam com o trinar de pássaros que não consigo nomear.

Mesmo sabendo que foi preciso uma enormidade de acontecimentos para eu chegar até aqui: Brasil; Foz de Iguaçu; bairro centro; rua Jorge Sanwais 440; apartamento 01; entre a panificadora Roma e o Hotel Tarobá Express, aquele amarelo. Para mim, eu simplesmente brotei na Ponte da Amizade, olhando aquela ilha supostamente cheia de cobras venenosas, olhando aquela água turquesa do bravo rio Paraná, olhando para a tela toda trincada do meu telefone. 07:18 antes do meridiano, e essa hora ficou estampada na minha memória. 07:18, eu virei sulista. 23 de fevereiro, pouco mais de quatro anos atrás, segundo o nosso calendário gregoriano, eu me encontrava subindo uma ladeira com uma maleta rosa que tinha a minha vida toda: um monte de roupa velha, livros, e o Camo, meu ursinho de pelúcia. Agora que estou escrevendo isto, dou uma olhadinha aqui no meu quarto e sei que eu mudei de vida porque nada do que estava dentro dessa maleta, lá em 2019, está comigo aqui no meu quarto. Apenas o Camo, que é uma constante na minha existência, desde o primeiro ano de vida. Cheguei naquela casa, no Jardim Marissa, e morei lá esse ano inteiro. Nos primeiros dias eu preferi ficar no meu quarto digerindo tudo. Casa nova, país novo, comida nova, língua nova, mas nenhum amigo novo, apenas o fiel Camo.

Eu tinha vindo para fazer o curso de Cinema na UNILA, uma universidade que fica no norte da cidade, rodeada de milho e outras plantações. As aulas iniciaram mais rápido do que eu imaginei. E eu tentei compreender tudo, mesmo tendo um vocabulário básico que se limitava às letras de canções como "Ai se Eu Te Pego" de Michel Teló e "Meu Namorado É Maior Otário" da MC Carol. Tinha problemas com algumas palavras, tinha problemas com muitas frases. Depois de eu perceber que podia responder praticamente tudo dizendo "pois é" e "boto fé" que minha vida começou melhorar. Conheci algumas pessoas, a interação era modesta, mas eu me sentia num círculo onde errar era bonito e compartilhar experiências no intervalo

das aulas era a base de um bom diálogo.

Eu, que tinha saído da comodidade que representava o espaço que chamava de meu lá em Asunción, tinha jurado para quem estava formando parte do processo de vinda ao Brasil, que iria me formar sem falar uma palavra em português. A pessoa que habitava este corpo, nesse momento, realmente acreditava nessa ideia ridícula. Chegar, pisar o chão do campus do Jardim Universitário falando um confiado "hola, buenos días" e sair daquele auditório lotado com um diploma e o sentimento de orgulho gritando eloquente "Chau, Hasta luego, Foz". O Brasil teve outro plano para mim, Foz do Iguaçu e os seus cidadãos tiveram outro plano para mim, até o motorista da linha 10, Cidade Nova, teve outro plano para mim. E esse plano ficou nítido no exato momento que eu perguntei com o meu sotaque de asunceño "¿esto pasa por la UNILA?" e o coitado mal soube responder. Como iria realizar aquele meu sonho de formatura, se nem sequer conseguia chegar até a faculdade?

O palavras no vocabulário, você é um desconhecido. De 400 a 500 palavras, você está se familiarizando com o português. Com esse nível você deve conseguir entender algumas coisas ditas brasileiras com muita calma. De 800 a 1000 palavras, você estaria num nível básico, sendo capaz de se comunicar para a moça do café, com certa dificuldade, que está com vontade de comer pão de queijo. Você deve também ser capaz de começar a ler alguns textos de jornais e artigos acadêmicos com o auxílio de um dicionário. De 1500 a 2000 palavras. Nível intermediário de vocabulário. Com esse nível, você deve conseguir lidar com as conversas do dia-a-dia, ainda que com um vocabulário limitado, mas, infelizmente, não dá para assistir nem sequer a primeira temporada do "BBB" com esse nível. De 3000 a 4000 palavras, provavelmente você já leu suficientes jornais e artigos acadêmicos. Nesse nível avançado, você deve ser capaz de manter conversas fluentes e discutir assuntos mais complexos como, por exemplo, os memes sobre Bolsonaro e Lula. 8000 palavras é mais do que qualquer pessoa precisa saber. Descanse. Assiste "Macunaíma" de Andrade ou escute a Xuxa cantar "Ilariê".

Desde que dei aquele primeiro passo se passaram mais ou menos 1640 dias, ainda não sei quantas palavras tenho no meu acervo pessoal, mas consigo perguntar pro motorista do ônibus se ele está indo para a UNILA ou para a Ponte da Amizade e isso tem sido bastante útil.

O dicionário do meu telefone tem uma crise de identidade e, muitas vezes, não sabe se corrige em português ou em espanhol. Esses dois idiomas terminaram misturando-se e hoje em dia parecem um só, como se realmente fossem o mesmo. Sempre que volto para minha cidade para visitar família e amigos, sou acusado de usar léxico estrangeiro, me acusam de ter esquecido a sopa paraguaia e a chipa, do sabor do milho fresco e o amido do mbeju. Me acusam de ter trocado o gélido tereré, pelo chá mate e as segundas de vori-vori por um prato de arroz e feijão. Mas não se trata disso, não se trata de esquecer, de trocar um pelo outro, mas de se apropriar de ambas culturas, de incorporar esses novos sabores, de conhecer novas cosmovisões, novas cores. Língua, mais do que passar conhecimento e gerar conversações, é cultura viva. Língua também trata-se de contar histórias sobre

uma noite de bebida pros colegas, de improvisar uma piada boba num momento incômodo.

Ser um asunceno morando no interior do Estado do Paraná trata-se de viver uma dualidade onde às vezes é "bem-te-vi" e outras "pitogüé". Essa vida torna-te um viajante, uma ambiguidade, torna-te portunhol. Um dançarino alegre que samba ao 6/8 da polca paraguaia.

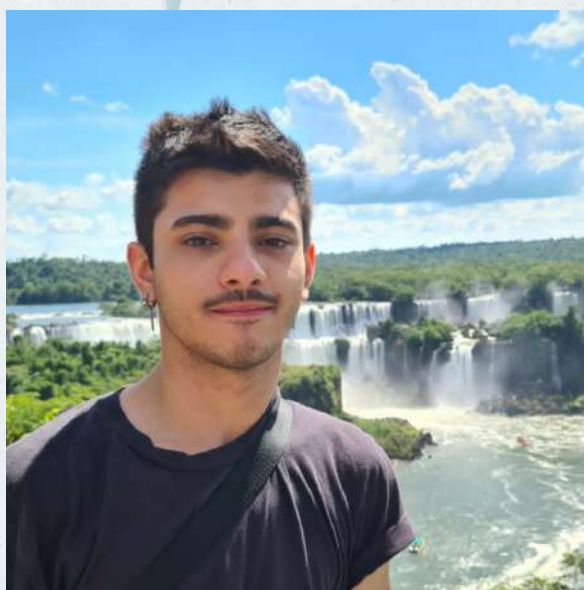
Faz muito tempo que eu percebi que não voltaria sendo o mesmo e tampouco pretendia voltar sendo o mesmo. Aliás, teria sido mais do que catastrófico voltar pros meus pais e olhar pros meus irmãos com os mesmo olhos ou relatar para eles meus dias aqui na cidade com as mesmas palavras. De fato, o sujeito que habita este corpo não é mesma pessoa que ia pro microcentro de Asunción, para a praça do Panteón de los Heroes, esperando encontrar as mesmas pessoas, beber fanta laranja gelada com vinho uvita ou fumar um cigarro barato que um desconhecido comprou no Biggies por 2.500 guaranis. Essa pessoa era apenas o Ivo capitalino, nascido na cidade que foi levantada sobre sete colinas. Hoje, junto com ele também reside outro Ivo, uma pessoa diferente, o Ivo iguaçuense, que mora entre três países tão parecidos como diferentes, onde as pedras cantam.

Considero assustador como o tempo passa tão rápido. Era uma noite quente no terminal de ônibus de Asunción, tinha meu ticket de bordo firmemente seguro nas minhas mãos, tinha me despedido de todas e todos aqueles que dedicaram seu tempo a criar boas lembranças e outros momentos comigo. E agora, meio que do nada, estou quase me formando, no nono semestre de oito, escrevendo um texto sobre como o português infiltrou-se no meu cotidiano, sobre acordar todo dia, beber café quente feito em uma cafeteira italiana que ganhei de presente e me arrumar para ir para a faculdade. Olho pros meus colegas na aula de português e me pergunto como que está sendo para eles o mesmo processo, me pergunto se eles também acordam e bebem café, se eles ligam o televisor e assistem às notícias do dia, se eles param tudo na vida deles para escutar bossa nova ou se eles descem para rua para comprar um pão francês fresco para fazer na chapa.

Acho errado pensar que se vive apenas uma vez. Se vive todos os dias, apenas aquele suposto descanso eterno que é único. Considero importante dedicar uns minutos do dia a refletir sobre temas que merecem nossa atenção. O planeta terra demora exatamente 23 horas e 53 minutos em completar sua dança sempiterna com o sol, quantas pessoas novas conheci nesse lapso? Quantas palavras novas acariciaram meus ouvidos nesse espaço de tempo?

Processos como este, parecem ser encarados de ânimo leve, mas se entregar a um mundo novo tem várias consequências que vão marcando nosso dia-a-dia. Eu sei que depois de me formar, depois de completar tudo na lista de coisas a serem feitas, quando eu voltar para meu cantinho favorito lá no bairro Tacumbú, perto do Carlos Antonio López, meu parque da infância, eu vou sentir saudades de paçoca que secava minha boca aos domingos, do mesmo jeito que senti saudade de beber o suco azedo dos pomelos ou de sentir o cheiro dos laranjais na calle palma e estrella. Vou sentir falta das caipirinhas do bar que fica perto da minha casa, do

mesmo jeito que senti falta de beber uma caña tres leones. Pequenas coisas viram importantes, são esses detalhes que vão articulando as memórias mais profundas de cada um de nós. O tempo que eu passei, e ainda estou desfrutando, aqui em Foz do Iguaçu, gera dentro de mim uma voragem de sentimentos inefáveis, complexos e deslumbrantes. Abrigar um novo idioma não tira nada que já esteja ocupando teu peito. Aprender novas canções, novas formas de elogiar aquela pessoa que te faz sentir feliz e novas maneiras de enfrentar a tristeza, a saudade e a insegurança só acrescenta. Ao mesmo tempo que você vai incorporando para si mesmo esses novos termos, você também começa a nomear coisas no teu interior que não tinham nome, a observar coisas que não eram vistas, novos tons de cinzas, novas notas musicais mais vibrantes.



Ivo Espínola Estigarribia
Estudiante.



UNILA PROEX

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

BOLETIM

KULTRUN

